

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ: TEORIAS DA ENUNIAÇÃO E ENSINO

Há algum tempo, a mídia tem revelado, sobre o ensino no Brasil, dados preocupantes que não podem deixar indiferentes os professores de língua portuguesa, e especialmente os professores de Graduação, nas Universidades, que formam futuros profissionais do ensino. Os dados apresentados pelo INAF (Indicador do Alfabetismo Funcional), desde 2001, têm mostrado que a situação do ensino de leitura em língua materna está enfrentando muitas dificuldades que permanecem até hoje.

O INAF define quatro níveis de competência em leitura: analfabetos, alfabetizados em nível rudimentar, alfabetizados em nível básico e alfabetizados em nível pleno. São entendidos como analfabetos aqueles que não conseguem realizar nem mesmo tarefas simples que envolvam a leitura de palavras e frases; são alfabetizados em nível rudimentar aqueles que localizam uma informação explícita em textos curtos. Os alfabetizados em nível básico leem e compreendem textos de média extensão e localizam informações, mesmo com pequenas inferências. Os alfabetizados em nível pleno leem textos longos, analisam e relacionam suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fatos de opinião, realizam inferências e sínteses. A pesquisa avalia por meio de entrevistas, de testes cognitivos e de tarefas básicas, que dependem do domínio da leitura e da escrita. Os dados relativos a esses níveis, divulgados em 2012, portanto bem recentemente, indicam que os analfabetos funcionais representam 27% dos indivíduos avaliados; 47% apresentam nível de alfabetização básico; apenas 35% das pessoas com Ensino Médio completo podem ser consideradas plenamente alfabetizadas e 38% dos brasileiros com formação superior têm nível insuficiente em leitura e escrita.

Em vista dos dados fornecidos pelo INAF nos perguntamos, a nós professores de língua materna: qual pode ser nossa parte nesses resultados alarmantes? Além dos muitos fatores externos que precisariam ser repensados, mas sobre os quais não temos o poder de atuar, estaria se impondo também a necessidade de uma revisão de nosso trabalho em sala de aula, para identificarmos o que nele não vai bem, e como ele poderia ser modificado e, se for o caso, melhorado. Sabemos que, há muito tempo, a leitura e a escrita de textos são tratados de diferentes formas, por diferentes teorias linguísticas e todas elas necessárias, tal é a complexidade da linguagem. Ao afirmarmos isso, estamos dizendo também que o professor precisa ter conhecimento teórico da linguagem e que, conseqüentemente, o conhecimento de falante nativo da língua portuguesa não é suficiente para a formação do futuro professor e para o ensino da leitura e da escrita na escola. Com isso, não estamos querendo dizer que temos de ensinar linguística, mas afirmamos nosso ponto de vista de que é necessário que o professor conheça profundamente a linguagem e que saiba fazer uso desse conhecimento em seu trabalho em sala de aula.

Dentre as várias teorias criadas para explicar a linguagem, há as que pretendem compreender o sentido que palavras e frases constroem quando são empregadas para a expressão do pensamento. Reconhecemos que nada é mais complexo do que refletir sobre como se constitui o sentido pela linguagem. Mas, como bem explica Benveniste, do sentido não se escapa, porque “o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar”. E, diremos nós, em tudo o que o ser humano aprende está presente a linguagem, oral ou escrita, com seus sentidos: nos comunicamos pela linguagem, desde a conversa informal entre amigos, até as mais complexas discussões filosóficas, científicas, técnicas, em todas as áreas do conhecimento. E a leitura e a escrita passam pela linguagem e pelo sentido.

Torna-se, pois, imprescindível que o professor tenha conhecimento teórico sobre a linguagem e que saiba como transformá-lo em saber a ser ensinado e em saber a ser aprendido. É, pois, sobre o tema da relação entre teoria e ensino que a revista *Letrônica* convida seus leitores a refletir neste número.

No artigo de Aline Juchem *Enunciação na linguagem: a noção de relação e suas implicações para o ensino* é discutido o conceito saussuriano de *relação* entre signos linguísticos como um dos alicerces das teorias de Emile Benveniste e de Oswald Ducrot – a

teoria da Enunciação e Teoria da Argumentação na Língua, respectivamente. A autora também defende a importância da concepção enunciativa da linguagem como fundamento para o trabalho com textos em sala de aula, uma vez que o texto do aluno deve ser resultado da relação entre seus constituintes em um todo de sentido. Conclui ainda que a essência da linguagem é relação, até porque, ao ser posta em cena, a linguagem revela seu caráter intersubjetivo.

Carolina Knack apresenta o trabalho *Da Teoria da Argumentação na Língua à análise dos discursos: como se pode explicar o sentido construído pela língua?* com a finalidade de investigar a língua como construtora do sentido. Para tanto, recorre aos fundamentos da Teoria da Argumentação na Língua, representados pelas reflexões de Platão, de Saussure e de Benveniste a respeito da alteridade, da relação entre entidades linguísticas, do valor do signo e do agenciamento. A seguir, aborda os principais conceitos de teoria elaborada por Ducrot e Carel, notadamente aqueles construídos no âmbito da Teoria dos Blocos Semânticos, para aplicá-los em uma análise de artigo de opinião. Para finalizar, faz algumas considerações sobre a aplicabilidade dessa abordagem ao ensino.

Enfatizando a pertinência do trabalho com gêneros do discurso para análises linguísticas em sala de aula, Rodrigo Acosta Pereira escreve o artigo *A prática de análise linguística mediada pelos gêneros do discurso: matizes sócio-históricos*. Seu objetivo é buscar nas produções do Círculo de Bakhtin fundamentos teóricos que embasem uma prática de ensino sob uma perspectiva enunciativa-discursiva. Para tanto, analisa o gênero carta de conselhos, da esfera jornalística, como um meio de propor atividades de análises linguísticas na escola. Ao final, constata que as práticas didáticas que levam em conta o gênero do discurso e sua instância enunciativa conduzem a investigações sobre a língua em uso.

A autora Elizangela Patrícia Moreira da Costa, em *O livro didático de língua portuguesa: a autoria e suas coerções*, investiga a relação entre as vozes existentes nas orientações dos documentos oficiais de ensino de língua portuguesa no Ensino Médio e aquelas presentes nas orientações de manuais didáticos. Embasada na perspectiva enunciativa-discursiva do Círculo de Bakhtin, analisa uma atividade de leitura e excertos de manuais de professores a fim de compreender as interferências dos documentos oficiais de

ensino na produção dos livros didáticos de língua portuguesa. A partir de suas reflexões, a autora constata a existência de uma lacuna entre essas vozes, revelando, assim, um conflito entre as orientações.

O artigo *O exercício de produção textual sob os princípios da Teoria das Operações enunciativas*, de Marília Blundi Onofre e Márcia Romero, fundamenta-se no referencial teórico idealizado por Antoine Culioli para lançar uma reflexão sobre as propostas de produção textual veiculadas na escola, os textos efetivamente produzidos pelos alunos e as avaliações das atividades pelos professores. As autoras analisam uma redação de aluno sob a abordagem da escola, vista como mais tradicional e representada pela avaliação feita pelo professor avaliador, e sob o viés da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, de Culioli, mediados pelo conceito de criatividade na produção linguística. As autoras consideram que a realização do trabalho de produção textual sob os conceitos da teoria adotada levam o aluno a explorar de maneira mais eficaz as estratégias discursivas de seu texto.

Os organizadores

Professores responsáveis Leci Borges Barbisan (PUCRS) e Cláudio Primo Delanoy (PUCRS/DOCFIX FAPERGS/CAPES)

Doutoranda Érica Krachefski Nunes Oswald (PUCRS)